

51/04/01
Lúcio Cavaco
p. 3, 10



ESTUDOS ETNOLÓGICOS

Sergio Buarque de Holanda

COMENTANDO há alguns anos a desusada curiosidade com que um público relativamente amplo parecia acolher, entre nós, os estudos dedicados à influência do negro em nossa vida social, ocorreu-me notar a insistência com que, nesses estudos, era considerado principalmente o lado pitoresco, anedótico, folclórico, em outras palavras o aspecto por assim dizer exótico do africanismo.

Parecia-me que a atenção dirigida quase com exclusividade sobre esse aspecto representava uma variante mais inteligente de modo tradicional de encarar a questão, que consistia em deliberadamente esquecer-la ou ignorá-la. No momento em que a influência do negro deixava de ser coisa pouco confessável para se converter em coisa apenas interessante, podíamos afastá-la naturalmente de nós, sem truculências nem humilhações.

Contemplado com atenção científica e benévola, nas suas superstições, na sua religiosidade, nos seus batuques e macumbas, nos seus costumes civis e domésticos, o negro podia ser ostentado até vaidosamente a estrangeiras. Era o modo habil de mostrar que também somos diferentes dele, que o encaramos como fenômeno singular e digno de ver-se. E por conseguinte de fazer com que nossa civilização branca e brancarana se tornasse mais dona de si, mais capacitada de sua própria distinção. Nela os africanismos tinham deixado de ser manchas negras patológicas. E a literatura de fundo ia se converter em luzentes lan-

tejas. E a literatura de fundo romântico, essa literatura que entre nós só conhecera o preto na situação de pobre vítima, vítima conformada ou rebelde, podia finalmente encontrar acesso ao tema.

ESSA moda dos estudos afro-brasileiros, que aqui veio a coincidir significativamente com a moda européia do *art-nègre* e o prestígio internacional dos *spirituals* e dos *blues*, trouxe vantagens sem dúvida numerosas. Entre outras, a vantagem de já se poder dizer hoje de nosso negro, o que ainda não é possível dizer de nosso índio, que para conhecê-lo é preciso recorrer em grande parte a fontes estrangeiras.

Por outro lado, a moda do afro-brasileirismo, realçando o papel do negro em nossa formação nacional, ajudou de algum modo a tornar ainda mais perfunctório e indefinido o papel do índio, que nossos românticos, transformando-a em personagem sublime, portadora de heroicas ou graciosas virtudes, já tinham contribuído para expulsar do mundo real.

Deu-se aqui o que se tem dado em tantos outros casos, que o entusiasmo do primeiro momento pelo valor do concurso africano se tornara dogmático, imperialista e absorvente. Tudo quanto entre nós não se inserevia muito claramente na tradição européia e portuguesa passou a ser de cepa africana.

Um exemplo, entre os mais eloquentes a esse respeito, é fornecido por certas opiniões generali-

zadas sobre a nossa culinária. Quantas veez, por exemplo, não temos visto associado, sem discussão, ao simples influxo dos negros, o uso e abuso da pimenta vermelha em alguns dos manjares brasileiros mais característicos? No entanto, baharia a leitura das crônicas de viajantes quinhentistas para nos certificarmos de que as pimentas eram condimento obrigatório nas refeições índias onde supriam com frequência a falta de sal. Gabriel Soares escrevia delas que "se comiam verdes e depois de maduras cozidas inteiras com o pescado e os legumes, e de uma maneira e de outra queimam muito, e o gentio come-as inteiras, misturadas com farinha".

LEIO, por outro lado, em um botânico e, além disso, bem conhecedor do continente africano (Georg Schweinfurth, em *Festschrift Eduard Seler*, Stuttgart, 1922, pgs. 530 e ss.), que a maioria das variedades de pimenta vermelha cultivadas na África são identificáveis a formas existentes na América em estado selvagem, e que sua presença lá se explica sobretudo — como a do milho, a do tabaco, da mandioca, a do cacau e de muitas outras espécies vegetais — por operações comerciais dos antigos traficantes de escravos. Ajunta o mesmo cientista que, sendo grande parte dos pretos da África, refratários ao uso de condimentos picantes, espalhou-se entre eles a crença de

que as pimentas vermelhas são extremamente venenosas. Entre algumas tribos chegavam ao ponto de supor que envenenavam suas flechas quando lhes untavam as pontas, com o sumo das pimentas, e ficavam surpreendidos ao ver que para alguns estrangeiros elas eram inofensivas.

Não há nessas observações motivo bastante para que se modere um pouco o entusiasmo dos que têm apresentado e continuam a apresentar o abuso de pimenta nas refeições como traço evidente da influência africana sobre nossa culinária? Existem ainda os que vão mais longe e associam à mesma influência a nossa própria feijoada de centro-sul, não sei se por sugestão da cor retinta de sua matéria prima que, não obstante, é ineludivelmente americana. Ou a cangica de milho que os nossos índios, segundo todas as probabilidades, já conheciam em sua forma primitiva, antes dos brancos ou dos pretos. Ou a canja, que

continua no verso

ESTUDOS...

(Conclusão)

veio certamente do Oriente longínquo, e que o velho Garcia da Orta, em seu tratado quinhetista, já incluía no rol dos petiscos intas com o sumo das piments, e dianos. Ou o cuscús que, este sim, é de procedência africana, mas da África branca ou África Menor, não de Angola ou Guiné, e que nos foi trazndo da península ibérica, onde era usado desde os tempos dos mouros.

ESSE caso da culinária é bem típico, mas não é único de fervor tantas vezes absorvente que distinguiu, entre nós, muitas pesquisas afro-brasileiras. Hoje, parece que esse mesmo fervor já vai em declínio, e será de lamentar se, passados os seus exageros flagrantes, também se perca, com ele, o interesse por um assunto que há de ser constantemente atual para

Letras

(Conclusão)

quem se devota a estudos brasileiros.

A vantagem dos que se interessam, agora em número cada vez maior, pela investigação antropológica dos nossos índios, está em que já é mais possível abordar este assunto sem viés (sem *bias*, diria um psicólogo anglo-saxão) romântico ou nativista. O índio acha-se hoje muito menos entranhado do que o negro em nossa vida quotidiana de moradores de cidades, por conseguinte suporta melhor uma perspectiva clara e uma visão isenta e desapaixonada. Isso pode explicar, em parte, o número já apreciável de boas obras, fundadas por vezes não só no tirocínio teórico mas ainda em prolongadas pesquisas de campo que ele vem suscitando entre alguns autores jovens.

Toda uma nova geração de antropólogos, formados ao contato de mestres como Herbert Baldus, Charles Wagley, Radcliffe-Brown, Levi Strauss, Roger Bastide, Kallervo Oberg, começa a esboçar-se, assim, orientada por métodos que, estou certo, hão de abrir um novo capítulo dos estudos brasileiros. Em 1945 tivemos, de Egen Schaden, o *Ensaio Etno-Sociológico sobre a Mitologia Heróica de Algumas Tribos Indígenas do Brasil*. Em 1948, a ampla, monografia de Florestan Fernandes sobre a *Organização Social dos Tupinambás*. Do mesmo autor publicou-se, em 1949, a *Análise Funcionalista da Guerra: possibilidades de sua aplicação à Sociedade Tupinambá*. E ainda há pouco, em 1950, o *Serviço de Proteção aos Índios* publicou, de Darcy Ribeiro, *Religião e Mitologia Kadiueu*.

ESSES estudos, sem falar nos trabalhos de Eduardo Galvão, escritos em colaboração com Charles Wagley, ou nas publicações esparsas de Fernando Altemfelder da Silva, impressas sobretudo na *Revista do Museu Paulista* e em *Sociologia* refletem um movimento que já hoje não interessa unicamente a pequenos círculos de estudiosos.

O fato de uma das mais prestigiosas recompensas literárias do Brasil — o Prêmio Fábio Prado para estudos e ensaios — ter sido atribuído ultimamente ao trabalho de Darcy Ribeiro sobre os Kadiueu, tendo cabido, em ano anterior, ao de Florestan Fernandes sobre os Tupinambá, é indício de que esse movimento já se encontra em condições de alcançar uma repercussão promissora sobre o público mais numeroso.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625; S. Paulo.

